

8.01.06 – Linguística / Linguística Aplicada.

A SEMÂNTICA E OS EFEITOS DE SENTIDO NA LEITURA: POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO-LEITOR

Heloísa Stefany Neves Queiroz¹, Hugo Mari²

1. Mestranda em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) – CNPq.
2. Orientador. Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas.

Resumo

Esta proposta busca fazer aproximações entre a análise semântica segundo Dowty (2007) e o ensino na educação básica, traçando possibilidades no investimento dessa análise para a construção de sujeitos-leitores. A importância dessa aproximação se dá pela relevância de tornarmos as teorias mais acessíveis e também de formarmos, cada vez mais, sujeitos-leitores protagonistas de suas leituras com uma boa compreensão dos efeitos de sentido dos textos. O impacto dessa aplicação poderá contribuir para uma melhora significativa na compreensão dos efeitos perlocucionais dos textos, independente do gênero, já que é possível perceber as estratégias criadas pelos autores para chegar a um efeito de sentido.

Palavras-chave: Estudos linguísticos; Ensino; Educação básica.

Introdução

Quando o assunto é leitura na Educação Básica, sabemos que muito se fala sobre ela: ora que a escola não ensina a ler, ora que os alunos não são mais ensinados a ter pensamento crítico e que não se interessam mais pelos grandes clássicos da literatura. Essas afirmações são, muitas vezes, categóricas, mas há poucas pesquisas que realmente as comprovam. Afinal, será que há leituras que são melhores do que outras? Será que há tipos de leitura de melhor qualidade? Será que os alunos da Educação Básica não sabem ler? Será que todos eles não se interessam pelos grandes clássicos da literatura? E, por fim, será que os estudantes de hoje-em-dia não conseguem apreender os efeitos de sentido de um texto? Todas essas questões nos levam a refletir sobre o quanto importante é termos pesquisas sobre leitura na Educação Básica e, como as áreas de estudo precisam se dedicar a perceber como o processo da leitura se constrói com os sujeitos-leitores. A proposta que aqui se constituirá será uma discussão sobre como a análise semântica segundo Dowty (2007) pode contribuir para o avanço dos estudos sobre leitura na Educação Básica e também para os estudos dos professores que pretendem incentivar em seus alunos o gosto pela leitura.

Este trabalho tem o objetivo de iniciar um diálogo que leve os profissionais linguistas a proporem estratégias que possibilitem os estudos teóricos alcançarem as salas de aula de todo o país e, conseqüentemente, contribuir para a construção de sujeitos leitores e críticos. Em um exemplo de como esse estudo pode ir além da teoria, analisaremos os textos “Na batata” e “Piriris”, ambos de Luís Fernando Veríssimo, a partir dos parâmetros estabelecidos no desenvolvimento teórico e abriremos possibilidades para que outras frentes de estudo, como a sintaxe por exemplo, possam dar suas contribuições para bem compreendermos os efeitos de sentido dos textos. Não é possível alcançar todos os métodos possíveis para a leitura dos textos, já que cada um precisa ser considerado em seu ambiente de circulação, com seu gênero, seu contexto histórico, entre outras coisas. Mas este trabalho busca contribuir com um movimento contínuo de aproximação entre a teoria e a prática, e com a certeza de que, principalmente nos dias-de-hoje, é necessário saber ler além do código.

Metodologia

Este trabalho é uma proposta de aproximação entre as análises semânticas e a construção de sujeitos-leitores cada vez mais eficientes. Por esse motivo, temos como metodologia a análise de dois textos de ampla circulação social: “Na batata” e “Piriris” de Luís Fernando Veríssimo. Ambos os textos têm como assunto central o trabalho com o signo linguístico de uma forma humorística e, por isso, atraem a atenção de grande parte dos leitores. A proposta metodológica deste trabalho seria, portanto, utilizar trechos dos dois textos em questão para demonstrar como as análises semânticas podem contribuir na formação dos sujeitos-leitores desde a Educação Básica, possibilitando diversos caminhos de construção de sentidos nos mais variados gêneros textuais.

Resultados e Discussão

Consideramos que “a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude “responsiva ativa” (BAKHTIN, 2000), de uma interação entre os envolvidos. Concordamos que o leitor/ouvinte não apenas assiste à construção do texto, mas também participa dela: ele constrói sua leitura levando em conta suas experiências individuais. Sabemos também que a leitura não está ligada somente às palavras e, por isso, propomos uma leitura semântica para contribuir com os processos de construção de sentido.

Propomos uma análise segundo as regras semânticas de Dowty (2007) que discute sobre qual seria a importância da composicionalidade e como ela nos auxiliaria na compreensão semântica. Frege (1978) organizou o conceito básico de composicionalidade que seria a de que “o significado de uma sentença é uma função dos

significados das suas palavras e da maneira como elas são combinadas sintaticamente”. Ou seja, uma análise composicional leva em consideração o léxico, a semântica e a sintaxe.

Dowty (2007) propõe duas regras semânticas: a primeira é a de estocagem que incide sobre os sintagmas nominais: alguns sintagmas acumulam em si algumas noções que podem ser desencadeadas ou não a depender do contexto. A segunda regra é a de efeitos demorados que revela que a significação é afetada nos momentos em que as derivações ocorrem.

Como exemplos das regras, trazemos dois trechos de textos de Luís Fernando Veríssimo. O primeiro trecho de texto gira em torno do signo <batata>. Esse signo, não está necessariamente em todos os momentos constituído em sua transparência composicional: ora o significante <batata> se constitui com o significado mais transparente que seria um <tipo de tubérculo>, ora o significante assume opacidade com o significado de <padrão de certeza>.

Temos como exemplo o trecho: “_ Mas nesse caso, nada no mundo é batata¹. _ Exato. Nada no mundo é batata¹. Só a batata² é batata¹. Só a batata² está sempre ali. Na batata¹”.

Temos, no trecho acima, apenas duas falas em que o significante <batata> aparece seis vezes com os dois significados diferentes intercalados. Talvez algum falante não nativo da língua tivesse dificuldade em apreender o segundo significado que seria o de <padrão de certeza> por não ser um significado que tenha transparência composicional, já que é constituído por um combinado social, com uma opacidade linguística. Sendo assim, percebemos que alguns signos carregam em sua semântica um estoque de significados que passam a atuar em determinadas circunstâncias e em outras não.

Já o segundo trecho de texto proposto para análise será “Piriris”. Temos uma conversa de bar em que um cliente pede <piriris> para o garçom, que não conhece o signo e tenta dar-lhe algum significado, porém o cliente se aborrece por fazer parecer ser um signo amplamente conhecido na sociedade. O texto causa humor ao inserir o leitor naquela situação em uma mesa de bar, já que a palavra <piriris>, se utilizada no singular, tem o significado popular de <diarreia>, no português brasileiro. Mas pelo contexto apresentado que é um pedido em uma mesa de bar, relacionamos <piriris> a algum tipo de comida que na nossa língua não tem equivalência. Assim se constrói a estranheza do termo.

Nesse caso, o signo não é transparente, já que ele não transparece o seu conteúdo e por isso não conseguimos extrair significado. Porém, em uma leitura mais atenta, podemos perceber que o signo pode conter em si certo grau de transparência se considerarmos os chamados efeitos demorados: pela cena enunciativa, podemos restringir, ao observar o co-texto, que <piriris> não pode ser o signo qualquer, mas precisa ser minimamente um signo que tenha os traços [+líquido] ou [+sólido], [+ingerível], [+comida] ou [+bebida].

Conclusões

Levando em consideração o exposto, podemos refletir sobre o signo linguístico, sua transparência e opacidade. A nossa língua é constituída por signos linguísticos e como afirma Saussure (2010), os signos não são a junção entre uma palavra e uma coisa, mas sim a junção de um conceito e de uma imagem acústica. Por isso, os signos não podem ser sempre transparentes. No plano dos signos isolados, a transparência não acontece por meios naturais, já que nenhuma palavra seria obrigatoriamente ligada a uma coisa. O que pode ocorrer é um tipo de transparência convencional, já que existe um combinado social de que um determinado signo teria um significante X para um significado X' e não outro.

Se pensarmos em termos sintagmáticos, podemos admitir uma transparência pelo valor composicional, ou seja, pela construção composicional do texto em questão, já que os signos se juntam para formar um enunciado e os enunciados se organizam formando um texto. Tendo isso em mente, percebemos que os signos podem se construir ora como transparentes, ora como opacos, dependendo da visão em que analisamos e do contexto em que ela é aplicada.

Para além dessas questões, precisamos refletir sobre a importância de ampliar as análises para percebermos o todo, o como cada pequena análise de enunciado contribui para a construção do todo textual. Não há dúvidas de que as análises pontuais de um texto são importantes e devem ser valorizadas. Mas existe também o que seria o ponto central de uma análise para os leitores de um texto, que seria alcançar os efeitos de sentido que ele propõe. É importante pensarmos que nem todo leitor compreenderá os efeitos de sentido que podem ter sido desejados pelo autor do texto, mas se o leitor começar compreendendo os pequenos efeitos de sentido utilizados pontualmente em enunciados do texto, ele provavelmente não terá grandes dificuldades em apreender o sentido geral.

Considerando a teoria utilizada nesse estudo e a pequena análise semântica proposta, percebemos o quanto seria importante utilizar uma maior parte das teorias sobre a construção de sentido para os alunos da Educação Básica. Muitas vezes, cobramos dos alunos uma leitura apenas que nos prove que realmente a obra em questão foi lida, como por exemplo uma prova de verificação de leitura, com identificação de personagens e descrição de ações, mas nos esquecemos de nos dedicar ao estudo dos efeitos de sentido dos textos e como eles podem ter significados diferentes para leitores diferentes. Não há como negar que cada vez mais vivenciamos um mundo instantâneo que, em segundos, forma e transforma pensamentos, ideias e informações. Essa rapidez nos coloca também em um novo lugar, por experiencarmos novas práticas sociais. As práticas sociais sendo alteradas, trazem também mudanças no modo de ler da população, e conseqüentemente (re)criando as formas de alcançar os efeitos de sentido dos textos.

Os estudos linguísticos podem contribuir muito na construção de sujeitos-leitores e penso que um primeiro passo pode ser dado por meio da semântica, já que ela nos possibilita mostrar nossas individualidades enquanto leitores, e a praticar a visão crítica que nos permite perceber mais de um olhar sobre um mesmo texto, construção

de vários efeitos de sentidos que se estabeleçam além do referente.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Maria E. Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DOWTY, D. **Compositionality as an empirical problem**. In: BAKER, C. & JAKOBSON, P. (Ed.) *Direct compositionality*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p.23-101.

FREGE, Gottlob. **Sobre o sentido e a referência**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 32ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2010, p.80-83.